

JAQUELINE PEREIRA DE ARAÚJO

Caracterizando a Dislexia no ambiente escolar

Paraíso do Tocantins- To
2015

JAQUELINE PEREIRA DE ARAÚJO

Caracterizando a Dislexia no ambiente escolar

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso Língua
Portuguesa e Espanhola sob orientação
da Profª Mestre : Maria Madrilene

Paraíso do Tocantins- TO
2015

*Este trabalho é dedicado
Aos meus familiares, amigos e mestres,
Que contribuiu significativamente para
o meu crescimento intelectual.*

Agradeço a Deus, pelo dom da vida.

*Aos meus Mestres,
por terem me mostrado o caminho do saber.*

*“Mude suas opiniões, sustente seus princípios, troque suas folhas,
Mantenha intactas suas raízes”.*

Victor Hugo (1802-1885)

RESUMO

ARAÚJO, Jaqueline Pereira de. “**A dislexia no ambiente escolar**”. IGEP Instituto Gênesis, Pós Graduação, Pesquisa e Extensão. Palmas.

O presente trabalho propõe as características diversas do indivíduo no ambiente escolar, pois percebe-se no trato pedagógico em algumas escolas a ausência da capacidade nos professores em lidar com alunos disléxicos. Para uma melhor compreensão do ambiente escolar este trabalho trás a caracterização de um tipo de aluno específico que está presente, atualmente, nas escolas brasileiras. Infelizmente, devido à falta de capacitação especializada dos professores em tratarem de alunos que apresentam dislexia, os mesmos comprometem todo o desenvolvimento intelectual da criança. Muitos dos educadores da atualidade consideram somente como parte do ensino de qualidade ter um corpo de docentes formado de mestres e doutores, uma escola com boa infraestrutura, e desconsideram essa capacitação tão fundamental em tratar dessas crianças, que tem uma forma de aprendizagem diferenciada. Objetiva-se a definição de parâmetros para que a dislexia seja identificada no ambiente escolar e sendo assim as medidas necessárias sejam tomadas em função da ampliação do alcance do ensino a essas crianças. Há um desejo de que a educação, em todos os níveis, esteja acessível a todos de que são de direito e de igual modo, pois tanta diferença faz o conhecimento na vida de uma pessoa.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Dislexia. Inclusão.

ABSTRACT

ARAÚJO, Jaqueline Pereira de. "Dyslexia in the school environment". IGEP Instituto Gênesis, Pós Graduação, Pesquisa e Extensão. Palmas.

This paper proposes the different characteristics of the individual in the school environment because it is perceived that teaching in some schools lack the capacity for teachers in dealing with dyslexic students. Para a better understanding of the school environment this work behind the characterization of a type of specific student that is currently present in Brazilian schools. Unfortunately, due to lack of specialized training for teachers deal with students who have dyslexia, the same commit any child's intellectual development. Many of today's educators considered only as part of the teaching quality of teachers having a body formed of masters and doctors, a school with good infrastructure, and so disregard this fundamental training in treating these children, who have a different way of learning. The purpose is to define parameters for that dyslexia is identified in the school environment and thus the necessary measures are taken in the light of expanding the reach of education to these children. There is a desire that education at all levels, is accessible to all that are right and equally as much knowledge makes the difference in a person's life.

KEYWORDS: Education. Dyslexia. Inclusion.

1.INTRODUÇÃO

O período escolar produz um desenvolvimento único na vida da criança, e a maneira como esse desenvolvimento acontecerá requer muita atenção tanto dos pais como dos educadores sobre os resultados refletidos na mesma. Na escola o indivíduo começa manter relacionamentos interpessoais diferentes do seu convívio. Segundo Fonseca¹ “*no início do desenvolvimento, a atividade da criança é regulada pela linguagem exterior do adulto, mais tarde, é a própria linguagem interiorizada que guia e organiza a sua atividade psíquica superior, isto é, a atividade do seu próprio cérebro*”. Ou seja, a boa evolução da criança está intimamente ligada a uma comunicação eficaz com as pessoas do ambiente, o que por Rocha (2009), pode-se afirmar que a maturação do cérebro depende de como a criança se utiliza da linguagem para interagir com o meio.

Tendo em vista que a maturação cerebral é responsabilidade de cada indivíduo, mesmo sem saber; um professor se depara, em uma sala de aula, com realidades aparentemente semelhantes, porém com um desenvolvimento intelectual particular. Nesse momento surgi um fator determinante no meio escolar que é a Dificuldade de Aprendizado (DA), pois tem-se alunos com níveis diferentes de apreensão do conhecimento.

Recorda Lopes, Velasquez, Fernandes e Bártolo (2004) citado por Almeida (2011), “*que a capacidade para falar, parece vir inscrita nos genes que ditam o que somos, ao contrário da arte de ler que*”, assim o entende Chomsky (1975), surge como - uma absorção cultural, resultante do espaço físico e social que envolve a criança. A presença desses elementos na vida de uma criança identifica a sua capacidade de racionar, ou seja, é de fundamental importância que a mesma os possua para possa ter um bom desempenho, tanto nas atividades escolares como nas sociais.

“*Em função do desenvolvimento social, ocorre uma organização funcional do cérebro, visto que o cérebro humano transformou-se no próprio órgão da civilização*” (Rocha, 2011), quando essa citação referisse a uma criança disléxica consegue-se compreender a importância de possuir a habilidade de ler e escrever e

justifica-se a capacitação de professores, em todas as redes de ensino, para atendimento acadêmico a esses alunos.

Objetiva-se com este trabalho a definição de parâmetros para que a dislexia seja identificada no ambiente escolar e sendo assim as medidas necessárias sejam tomadas em função da ampliação do alcance do ensino a essas crianças.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A dislexia

A palavra dislexia se origina do latim e do grego, sendo dis - distúrbio - e lexia - leitura e linguagem - ou seja, a dislexia caracteriza-se por dificuldades na leitura, escrita e também em soletrar e decodificar palavras. Tal distúrbio não é considerado uma doença, nem tampouco uma anomalia, e sim em algo congênito, onde se identificam diferenças entre os hemisférios e alterações do lado direito do cérebro.

Como bem figura uma educadora alemã (O QUE É..., 2008) “[...] é como se as palavras dançassem e pulassem diante dos olhos do disléxico”. Atualmente a denominação mais utilizada é a do Comitê de Abril de 1994 [apud Almeida, 2008] da International Dyslexia Association - IDA, que assim especifica: Dislexia é um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade de decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Estas dificuldades de decodificar palavras simples não são esperadas em relação a idade. Apesar de submetida a instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sociocultural e não possuir distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia é apresentada em várias formas de dificuldade com as diferentes formas de linguagem, frequentemente incluídas problemas de leitura, em aquisição e capacidade de escrever e soletrar.

De origem genético-neurológica, tem como característica uma alteração na parte do cérebro responsável pelo processamento da linguagem. É como se o disléxico enxergasse um punhado de letras numa sopa de letrinhas, sem um significado claro.

O obstáculo principal é converter o som em sinal gráfico (e o contrário também). Isso gera, por exemplo, problemas na leitura (mais lenta e silabada - com troca da sílaba tônica) e na escrita (erros ortográficos como inversões ou omissões das letras).

Esta condição permanece durante toda a vida acadêmica, da pré-escola ao ensino superior. Mas é importante ressaltar que o disléxico tem uma inteligência normal e sua compreensão oral é preservada, assim como o raciocínio lógico-matemático. Ou seja, o indivíduo tem uma dificuldade localizada, que não compromete o aprendizado global.

É muito diferente, por exemplo, de um transtorno de aprendizagem. Um aluno com esse problema tem um acometimento nas habilidades de leitura e escrita - como um disléxico -, mas vai apresentar dificuldades em todas as outras áreas do aprendizado, incluindo as habilidades relacionadas ao raciocínio lógico matemático e à compreensão oral, que não ocorrem como manifestação da dislexia.

Vários estudos também alertam sobre a questão hereditária, baseando-se em observações nos demais membros da família, que em sua maioria também apresentam tais dificuldades.

Antonio Manoel Pamplona de Moraes (1997, p.94) ressalta que “[...] a criança disléxica não apresenta distúrbio a nível sensorial ou físico, a nível emocional, ou desvantagens socioeconômicas, culturais ou institucionais, que possam ser consideradas para aprender a ler.”. Existem vários tipos de dislexia, como a acústica, caracterizada pela insuficiência em diferenciar a parte fonética e sonora; a visual, ocorrendo na imprecisão de coordenação viso espacial manifestando na confusão de letras com semelhanças gráficas, e a motriz, evidenciando a dificuldade para o movimento ocular.

O disléxico não tem nenhum comprometimento intelectual, portanto ele é completamente provido de capacidade de aprender, isso só depende de alguns fatores, e os fundamentais são: estimulação, intervenções e muito apoio familiar.

Algumas dificuldades, ou sintomas apresentados por um disléxico segundo o site da Associação Brasileira de Dislexia (ABD) (SINTOMAS..., 2008)

[...] Haverá sempre: dificuldades com a linguagem escrita; dificuldades em escrever; dificuldades com a ortografia; lentidão na aprendizagem da leitura. Haverá muitas vezes: disgrafia (letra feia); discalculia dificuldade com a matemática, sobretudo na assimilação de símbolos e de decorar tabuada; dificuldades com a memória de curto prazo e com a organização; dificuldades em seguir indicações de caminhos e em executar sequências 5

de tarefas complexas; dificuldades para compreender textos escritos; dificuldade em aprender uma segunda língua. [...].

Estas são algumas circunstâncias vivenciadas pelo disléxico, eles ainda não são suficientes para se concluir um diagnóstico, sendo o encaminhamento e a opinião de um neurologista de fundamental importância no caso. Essas citações servem de pistas, ou até mesmo de alerta para os docentes e pais das crianças.

“Dislexia, antes de qualquer definição, é um jeito de ser e de aprender; reflete a expressão individual de uma mente, muitas vezes arguta e até genial, mas que aprende de maneira diferente” (SINTOMAS..., 2008).

2.2 A dislexia e o professor

O professor tem um papel fundamental na trajetória escolar do educando com dislexia, será ele que fará a sondagem necessária para que um diagnóstico eficaz seja realizado pelos demais profissionais ligados à síndrome. As suas atitudes, concepções e conhecimento relativamente à dislexia assumem grande importância no pré-diagnóstico, encaminhamento e intervenção.

Diversas pesquisas foram realizadas em função da influência das mediações realizadas e também do tratamento mais adequado para que tais dificuldades escolares fossem superadas, e passa a ser um conceito dentre alguns estudiosos, no qual segundo Morais (1997, p.101) o descreve “[...] os problemas emocionais que geralmente um disléxico apresenta, não são a causa das dificuldades para ler, mas sua consequência”.

Pelo fato da dislexia pertencer a um grupo de fatores que favorecem a evasão escolar, é de suma importância o conhecimento sobre o assunto, o diagnóstico precoce e as mediações necessárias a serem feitas no ambiente escolar pelos docentes e também no lar, pela família. Isso só vem reafirmar o papel da sociedade na vida de um disléxico, principalmente a função da escola, que tem por objetivo o desenvolvimento pleno deste aluno, sua permanência e superação dos limites a ele atribuídos.

É importante avaliar para diagnosticar, e também avaliar sem haver uma intervenção não faz sentido, é com base nesse questionamento que esse trabalho vem se pautando e focalizando seu estudo, visando sanar algumas dúvidas, relacionar fatores, e compreender de maneira significativa o mundo escolar do disléxico, e principalmente a visão e relação do educador com a dislexia.

2.3 Interação: Disléxico e os métodos de aprendizagem.

Antes de qualquer coisa e intervenção, o educador tem que estar consciente do distúrbio ou dificuldade encontrada em seu aluno, para q possa agir de maneira sucinta e determinante na vida escolar da criança.

De acordo com Morais (1992, p.23):

[...]deve ficar claro que a aprendizagem da leitura e escrita é um processo complexo que envolve vários sistemas (habilidades lingüísticas, perceptuais, motoras e cognitivas) e não se pode esperar portanto que seja determinado um único fator com o responsável pela dificuldade para aprender.[...]

Reforçando a acuidade que o profissional precisa ter ao denominar seu aluno disléxico ou qualquer outro tipo de distúrbio de aprendizagem. O aluno com dislexia necessita de metodologias diversificadas, didáticas pertinentes as suas necessidades de aprendizagem e recursos específicos que auxiliem no processo educacional.

A aquisição da linguagem e escrita é um processo evolutivo e complexo no homem, como cita Vicente Martins em seu artigo (MARTINS, 2007)

[...] A leitura, como sabemos, seja para disléxicos ou não, é uma habilidade complexa. Não nascemos leitores ou escritores. O módulo fonológico é o único, no genoma humano, que não se desenvolve por instinto. Realmente, precisamos aprender a ler, escrever e a grafar corretamente as palavras, mesmo porque as três habilidades linguísticas são cultural e historicamente construídas pelo homo sapiens.[...]

Quanto aos métodos mais adequados a serem utilizados com um discente disléxico, não existe uma “receita pronta”, e sim didáticas e estratégias que influenciam de forma significativa e eficaz o processo de cognição da leitura e escrita, um deles é o jogo.

A alfabetização de uma criança com dislexia é completamente possível, desde que se utilize de metodologias e didáticas específicas, baseando-se assim no método fonético, pois ela precisa olhar e ouvir atentamente, para que supere os seus limites. De acordo com Mariana Almeida (ALMEIDA,2008), psicóloga e pedagoga existem algumas táticas que podem ajudar:

[...] relógio digital; calculadora; gravador; material Curisineire; Material Dourado; uso de gravuras; letras com varias texturas; suas habilidades devem ser julgadas mais em respostas orais do que nas escritas; confecção do próprio material para alfabetização, como desenhar, montar uma cartilha [...].

Por meio de tais estratégias, percebe-se a importância do papel do educador na vida desse aluno.

Segundo Bruner e Cols. (aput Stelling 1994, p.64) “[...] existe um paralelo formal entre o jogo regido por normas(estruturado) e a linguagem estruturada (sujeita a normas)”. Eles supõem que a evolução do jogo representa um pré-requisito para a aquisição da linguagem, considerando o jogo como um recurso valioso no procedimento de alfabetização.

A principal característica de um disléxico é a dificuldade em relacionar letra e som, ou seja, fonema e grafema, portanto o método mais indicado é o fônico e multissensorial.

O método fônico é indicado para as crianças mais novas, que iniciaram a alfabetização, tal metodologia contempla de forma intrínseca a relação da letra com o som, desenvolvendo rimas e segmentação fonêmica. Já o multissensorial, é indicado para crianças mais velhas e de acordo com Alessandra Capovila (Associação Brasileira de Psicopedagogia...).

[...] O método multissensorial busca combinar diferentes modalidades sensoriais no ensino da linguagem escrita às crianças. Ao unir as

modalidades auditiva, visual, cinestésica e tátil, este método facilita a leitura e a escrita ao estabelecer a conexão entre aspectos visuais (a forma ortográfica da palavra), auditivos (a forma fonológica) e cinestésicos (os movimentos necessários para escrever aquela palavra).

É importante ressaltar que cabe ao docente avaliar seu aluno e discernir qual prática deverá utilizar, considerando sempre a forma como o aluno aprende, valorizando suas habilidades, conhecimentos prévios e seu papel de sujeito da ação no processo de ensino aprendizagem.

A quantidade de alunos considerados "disléxicos" é exagerada, mas na opinião de muitos especialistas há duas razões para isso. A primeira é a falta de preparo para identificar os sinais de dislexia e de outros desvios de aprendizagem por parte dos educadores. Esta realidade mostra que é preciso investir na capacitação para identificar os sinais da maneira correta e desenvolver estratégias que minimizem o impacto na vida da criança e adolescente que realmente tem o transtorno.

Mas o segundo motivo é o principal responsável no exagero no total de diagnósticos: a tendência de relacionar as causas do fracasso escolar a distúrbios de saúde. Em geral, raciocínios do tipo "se o aluno está um pouco atrás do resto da turma e ainda não consegue ler direito, então é disléxico" não se sustentam. Em sua maioria, as dificuldades de aprendizagem têm outras origens: pode ser uma falta de familiaridade com o tema (como no caso de alunos em alfabetização com pouco acesso a textos escritos fora da escola), um ritmo de aprendizado diferente e mesmo uma inadequação com a metodologia de ensino da escola.

A dislexia, por sua vez, é uma condição relacionada à genética e ao sistema neurológico. Como há semelhanças nos sinais mais aparentes, algumas crianças são erroneamente rotuladas como disléxicas.

A criança disléxica pode apresentar uma leitura mais lenta e silabada, além de erros ortográficos como inversões ou omissões das letras. Uma rápida reflexão revela que essas são dificuldades semelhantes àquelas do início da alfabetização para qualquer criança, quando elas devem adquirir o domínio alfabético e a compreensão de que a escrita é uma representação da fala.

Infelizmente é comum que estes erros sejam considerados por alguns professores como sinais de dislexia, quando na verdade são inerentes ao processo de alfabetização - ou, se persistentes, podem ser apenas o resultado de uma metodologia de ensino que não focou tais habilidades e que permitiu o prosseguimento dos erros comuns dos primeiros anos. Por isso é fundamental avaliar todo o contexto e conhecer o percurso acadêmico do aluno, avaliando seu nível de aprendizagem para saber se ele realmente tem algum desvio.

2.4 O papel da escola e do Professor

A escola tem papel central. Cabe a ela orientar todos os profissionais envolvidos, como coordenadores, professores e demais funcionários, instruindo-os para uma prática pedagógica com base nos conhecimentos científicos da área, evitando confusões entre as dificuldades de aprendizagem. Se a escola já tem um aluno disléxico, deve oferecer acompanhamento individualizado. A orientação dos pais e familiares é outra responsabilidade. Formas de cumpri-la incluem encontros, palestras e discussões com especialistas, desmistificando a dislexia e mostrando que existe em menor proporção do que se imagina.

Já o professor é o responsável por levantar os primeiros sinais e fazer os encaminhamentos para a busca de diagnóstico com um profissional especializado (neurologista, psicopedagogo ou fonoaudiólogo). Ele deve adequar o tempo das atividades propostas e criar estratégias que favoreçam a participação deste aluno em sala de aula. Também é possível fornecer o material que será exposto na lousa já impresso, com esquemas e organogramas ilustrativos, reforçando oralmente o conteúdo - já que o disléxico tem a compreensão oral preservada - e segmentando as atividades mais extensas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito frequente, ainda, uma confusão entre termos básicos e pertinentes a dificuldade de aprendizagem, confusão esta que se entende aos sintomas apresentados pelos discentes com dislexia, o que é de suma importância para um diagnóstico precoce.

É mister frisar que o disléxico pode, sim, ser um portador de alta habilidade. Daí, em geral, os disléxicos, serem talentosos na arte, música, teatro, deportes, mecânica, vendas, comércio, desenho, construção e engenharia. Não se descarta ainda que venha a ser um superdotado, com uma capacidade intelectual singular, criativo, produtivo e líder.

O disléxico pode, também, ser um portador de conduta típica, com síndrome e quadro de ordem psicológica, neurológica e linguística, de modo que sua síndrome compromete a aprendizagem eficaz e eficiente de leitura e escrita, mas não chega a comprometer seus ideais, ideias, talentos e sonhos. Por isso, diagnosticar, avaliar e tratar a dislexia, conhecer seu tipo, sua natureza, é um dever do Estado e da Sociedade e um direito de todas as famílias com crianças disléxicas em idade escolar. A dislexia tem tratamento e esse tem como base a terapia fonoaudiológica, em que a parceria dos pais e da escola é decisiva.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABD, Associação Brasileira de Dislexia. Sintomas. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/>> Acesso em 18 de novembro e 20 de maio de 2012;
- ALMEIDA, Marina S. Rodrigues. Dislexia. Disponível em: <<http://www.fototelas.com.pt/dislexia.htm>> Acesso em 20 outubro de 2012;
- AND, Associação Nacional de Dislexia. O que é Dislexia?. Disponível em: <http://www.andislexia.org.br/quem_somos.html> Acesso em: 18 de novembro de 2012;
- BRASIL, MEC. Diretrizes.... Disponível em: <<http://www.mec.gov.com.br>> Acesso em: 21 de novembro de 2012;
- CAPOVILA, Alessandra Gotuzzo Seabra. Dislexia do desenvolvimento: definição, intervenção e prevenção. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/artigos/59.htm>> Acesso em 24 de outubro de 2012;
- FONSECA V. Introdução às dificuldades de aprendizagem. 2^a ed. Porto Alegre: Artes Médicas;1995;
- LANHEZ, Maria Eugênia, NICO, Maria Ângela. Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. 10^a ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002;
- MARTINS,Vicente.Como conhecer o cérebro dos disléxicos,2007. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/imprimir_o.php?codigo=AOP0138> Acesso em 12 de novembro de 2012;
- MORAIS, Antonio Manuel Pamplona. Distúrbios de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica. 7^a ed. São Paulo: Edicon, 1997;
- NUNES, Terezinha, BUARQUE, Lair, BRYANT, Peter. Dificuldades na Aprendizagem da Leitura: Teoria e Prática. 4^a ed. São Paulo: Cortez, 2001;

PEGORIN, Flávia. Para detectar a dislexia é preciso observar, São Paulo, maio 2007. Disponível em: <<http://www.folha.com.br>> Acesso em 20 de novembro de 2012;

SNOWLING, Margaret e STACKHOUSE, Joy. (orgs.) Dislexia, fala e linguagem: um manual do profissional. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2004;

STELLING, Stella. Dislexia. Rio de Janeiro: Revinter, 1994.